

---

# A ESCUTA E O DIÁLOGO COM AS TRADIÇÕES SAGRADAS DO POVO TICUNA: UM TESTEMUNHO DE EVANGELIZAÇÃO NA AMAZÔNIA\*

---



Boris Agustín Nef Ulloa\*\*, Izabel Patuzzo\*\*\*

**Resumo:** *em sintonia com o convite do Papa Francisco à Igreja Ameríndia em buscar novos caminhos de evangelização, este artigo tem como objetivo refletir sobre a contribuição das histórias sagradas dos povos originários da Pan-Amazônia no processo de evangelização dos mesmos, segundo a proposta do Sínodo da Igreja na Pan-Amazônia. As histórias sagradas aqui compartilhadas são fruto da escuta de um Povo específico: o Ticuna, na sua grande maioria, católica, presente na Diocese do Alto do Solimões. A missão da Igreja há décadas em seu meio é um testemunho, um sinal desta escuta às muitas comunidades das periferias da Amazônia, fortalecendo seu protagonismo no caminho do discipulado e da confirmação de sua identidade cultural.*

**Palavras-chave:** *Povos originários. Histórias sagradas. Ticuna. Sínodo Pan-Amazônico.*

Com o objetivo de traçar novos caminhos para a evangelização dos povos da Amazônia, no dia 15 de outubro de 2017, o Papa Francisco anunciou um Sínodo para a Amazônia a ser realizado em outubro de 2019. Em preparação a este Sínodo, a Igreja elaborou como subsídio, o documento preparatório: *Amazônia: Novos Caminhos para a Igreja e para uma Ecologia Integral. Documento Preparatório*

---

\* Recebido em: 29.11.2018. Aprovado em: 01.02.2019.

\*\* Doutor em Teologia Bíblica (Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma). Docente no PEPG em Teologia (PUC-SP). Líder do Grupo de Pesquisa LEPRALISE (Leitura Pragmática Linguística das Sagradas Escrituras, PUC-SP). E-mail: banefulloa@gmail.com.

\*\*\* Mestre em Aconselhamento Social (University South Australia, Hong Kong). Mestranda no PEPG em Teologia (PUC-SP). Membro do Grupo de Pesquisa LEPRALISE (Leitura Pragmática Linguística das Sagradas Escrituras, PUC-SP). E-mail: isabellapatuzzo@hotmail.com

do Sínodo dos Bispos para a Assembleia Especial para a Pan-Amazônia, prevista para outubro de 2019. Neste documento, o Papa Francisco convida o episcopado Latino Americano a buscar esses novos caminhos de evangelização com os povos que habitam a região Pan-Amazônia, especialmente os povos indígenas. Este documento também destaca o processo de evangelização dos povos da Amazônia, a Igreja quer escutar os povos indígenas, que devem ser os primeiros interlocutores do Sínodo e muito têm a contribuir para que nesta grande região geográfica a Igreja possa ter um rosto autenticamente amazônico. “Dos nove países que compõem a Pan-Amazônia, registra-se uma presença de quase três milhões de indígenas, constituída por cerca de 390 povos e nacionalidades diferentes” (REDE ECLESIAÍTICA PAN-AMAZÔNIA - REPAM, 2018, n. 17). As culturas indígenas, na sua grande diversidade, com modos de vida tão diferentes, na sua grande maioria, conservam um grande cuidado pela natureza, a qual é compreendida como um dom sagrado do criador. Esta escuta por parte da Igreja, supõe que os povos da floresta amazônica têm algo de precioso a oferecer, bem como receber. É uma escuta a partir de um diálogo, que sustenta um processo de aprendizado recíproco (REPAM, 2018, n. 4).

#### UMA IGREJA EM SAÍDA PARA AS PERIFERIAS À LUZ DO VATICANO II, SOB A INSPIRAÇÃO DO PAPA FRANCISCO

Dois aspectos marcantes do pontificado do Papa Francisco são: sua missionariedade, que convida toda a Igreja a estar num espírito de saída, em estado permanente de missão, e a sinodalidade, expressa nos vários sínodos convocados por ele. Em seu ministério pastoral, nos seus escritos, gestos concretos, programas, agenda, encontros com categorias sociais e culturais específicas, homilias, discursos e orientações pastorais, os pobres e marginalizados ocupam o centro de suas preocupações. Assim propõe o Papa Francisco por ocasião da *comemoração do 50º* aniversário da instituição do Sínodo dos Bispos pelo Beato Paulo VI: “O Caminho da sinodalidade é o que Deus espera da Igreja do terceiro milênio” (COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, 2018, n. 4).

Desde o início, a escolha do nome Francisco não foi por acaso, mas já colocou em evidência seu projeto de uma igreja mais despojada, que se preocupa com os pobres, com os que estão na periferia. Por isso, na sua visão eclesiológica, a ação missionária da igreja inclui todos os povos; a Igreja é chamada a estar em todas as periferias do mundo, não somente econômicas, geográficas, sociais, culturais ou políticas, mas em todas as periferias existenciais (AQUINO JÚNIOR, 2018, p. 30). Todas as categorias de pobres, excluídos e periferias devem estar no centro das prioridades pastorais da Igreja. Desta forma, a periferia se torna o lugar teológico do encontro de todos os que estão excluídos,

com o Deus amoroso que acolhe sem distinção todos os povos. Esta saída que coloca como centro da missão o anúncio da verdadeira alegria da qual os povos carecem. A alegria do Evangelho dos discípulos em missão se encontrando com as pessoas às quais foram enviados (Lc 10,17), alegria do pastor que reencontra sua ovelha perdida (Lc 15,5), da mulher que encontra sua moeda perdida e se alegra (Lc 15,9).

Este paradigma de missão que consiste num caminhar junto para a periferia exige da igreja, fidelidade à sua natureza e essência: “Toda a Igreja é missionária, a obra da evangelização é um dever fundamental do povo de Deus” (EG, 59). E a tarefa de evangelizar é um ato eclesial como nos lembra a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*: “evangelizar não é para quem quer que seja um ato individual e isolado, mas profundamente eclesial” (EN, 60). É neste sentido que o paradigma de missionariedade em Francisco supõe também o paradigma da sinodalidade. Segundo ele, não há outro caminho senão caminhar juntos nas diferenças. E o modelo de sinodalidade proposto pelo Papa Francisco é o do diálogo e da escuta que possibilita o auto questionamento sobre quais são as alegrias que deve portar e suscitar nas periferias específicas, onde é enviada a servir e a evangelizar. No que se refere aos povos indígenas<sup>1</sup> a realização de um sínodo para a igreja presente na região Pan-Amazônia requer a busca de caminhos novos em sua atividade missionária, de anunciar a alegria do Evangelho entre estes povos, reconhecendo que na primeira evangelização (BORGES, 2016, p. 306), em tantos contextos, foi indiferente às suas tristezas causadas por uma evangelização aliada a uma colonização eurocêntrica dominante, que usou da persuasão e força, com tão pouco empenho na prática da escuta e do diálogo (SUESS, 2009, p. 38).

No entanto, houve missionários abertos ao diálogo com suas culturas, com suas lutas e sofrimentos. O contato com a Palavra de Deus fez com que muitos povos indígenas se tornassem, a seu modo, discípulos missionários. Como nos lembra o Documento de Aparecida, “esta diversidade cultural na qual se funda a Igreja Latino Americana cria possibilidades de relações verdadeiramente fraternas inter-culturais, que contribui para o reavivamento e esperança para a Igreja” (CELAM, DAp, 45).

A proposta de uma evangelização que tem como ponto de partida o diálogo e a escuta com povos que estiveram por séculos à margem, está em sintonia com a proposta de evangelização do Decreto *Ad Gentes*, quando pede às Conferências episcopais que procurem à luz do Evangelho (AG, 5), um diálogo sociocultural com todas as nações como possibilidade de abrir novos caminhos de compreensão da vida cristã. Portanto, este modelo de Igreja em saída a partir da periferia, que o Papa Francisco propõe, segue os passos de Jesus Cristo que sempre esteve presente e se encontrou com os que estavam na periferia. É uma igreja de portas abertas, disposta a se encontrar com os afastados e excluídos. É uma igreja itinerante

desejosa de partilhar a alegria do Evangelho; discípula de Jesus Cristo, disposta a percorrer o caminho do discipulado, aprendendo dele como ser missionária através da pedagogia do encontro (EG, 23). No seu peregrinar se encontra com aqueles que estão à beira do caminho, nas encruzilhadas de seus sofrimentos, atenta aos seus clamores como Jesus que atuou no meio dos marginalizados, escutou seus gritos desesperançosos de excluídos (Lc 18,35-43).

Esta visão de uma igreja em saída missionária para todas as periferias do mundo, marcou uma nova fase de recepção do Concílio Vaticano II. Em sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, O Papa Francisco retoma o espírito conciliar no sentido que a proclamação de Jesus Cristo não pode se eximir de sua misericórdia, atitude fundamental para transformar as realidades onde a igreja evangeliza (EG, 49).

Seguindo a inspiração conciliar, esta igreja, povo de Deus, que se encarnou nos diversos povos da terra, abraça todas as culturas, têm muitos rostos. O cristianismo ao longo de sua história, recebeu inúmeros povos abertos à graça da fé porque em sua essência não se configura como uma cultura hegemônica que sustentam formas de etnocentrismo excludente (REPAM, 2018, n. 31). Quando um povo, uma comunidade acolhe o dom do Evangelho, o Espírito Santo fecunda sua cultura nos recorda Francisco na *Evangelii Gaudium*. Sem perder sua identidade, fiel à sua missão de testemunhar o Evangelho a todas as criaturas, tornando-as discípulos do Senhor (Mt 28,19), a igreja assume os rostos de diversas culturas dos povos onde vier a se estabelecer. A sua catolicidade se expressa na beleza deste “rosto pluriforme” (EG, 116).

O diálogo com as culturas autóctones da região Pan-Amazônia é condição para superar um modelo de evangelização que por vezes foi hegemônica, estimulou o etnocentrismo que não gerou o protagonismo dos cristãos indígenas. Os movimentos indígenas<sup>2</sup> das últimas décadas no Brasil, em vários aspectos tem clamado por respeito à sua alteridade, seja no campo religioso, seja na educação exigindo que oficialmente seus idiomas sejam incluídos em sua educação básica como forma de preservar seus patrimônios culturais. Suas conquistas como demarcação de terra, saúde, participação nas decisões políticas são resultados de suas lutas, de seu próprio protagonismo: “Em relação à domesticação e integração dos indígenas na sociedade nacional, a instituição escolar, enquanto educação para o trabalho, foi peça fundamental na política integracionista do Estado junto aos indígenas” (BORGES, 2016, p. 13).

## SÍNODO PAN-AMAZÔNICO: A SINODALIDADE COMO CAMINHO DE UMA IGREJA DO DIÁLOGO E DA ESCUTA

O convite do Papa Francisco aos Bispos da Igreja Pan-Amazônia, com objetivo de escutar os povos da floresta foi precedido por gestos de diálogo, encontro e escu-

ta dele mesmo. Na sua visita apostólica ao Peru, em seu discurso de acolhida aos povos indígenas em Puerto Maldonado (DISCURSO do Papa Francisco em Puerto Maldonado, 2018), o Papa Francisco se refere à atuação missionária da Igreja em meio aos povos indígenas fez a seguinte observação: “Quem dera que se ouvisse o grito de Deus perguntando: Onde está o teu irmão? (Gn 4,9)”. E concluiu que esta pergunta deve ressoar para toda a igreja. Neste seu encontro com várias etnias indígenas o santo padre ouviu os clamores destes povos que precisam de ajuda para continuar cuidando da natureza, pois tal missão tem sido tão árdua devido a destruição causada pela derrubada das florestas, mineração e as companhias petrolíferas. Ele também agradeceu aos povos indígenas pela sabedoria e conhecimentos de suas culturas, puderam por séculos, penetrar sem destruir o grande tesouro, os recursos naturais das florestas.

Neste encontro, assim se dirige a eles (DISCURSO, 2018):

*Nós, que não habitamos nestas terras, precisamos da vossa sabedoria e dos vossos conhecimentos para podermos penetrar, sem o destruir, o tesouro que encerra esta região, ouvindo ressoar as palavras do Senhor a Moisés: “Tira as tuas sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é uma terra santa” (Ex 3,5).*

Estas atitudes e gestos de Francisco fortalecem a caminhada de muitos movimentos indígenas para a revitalização de suas próprias culturas. Na luta pelo reconhecimento de seus territórios, pela preservação de suas tradições e línguas. A conquista de seus direitos foi fruto de uma grande mobilização internacional desde a década de 1970, onde eles foram os protagonistas principais (PETRONI, 2013, p. 188).

As orientações pastorais do Papa Francisco serão assumidas dentro de um caminho da sinodalidade, na medida em que a igreja esteja, de fato, disposta ao diálogo e à escuta. Ao convocar a igreja presente na região Pan-Amazônia para buscar novos caminhos de evangelização entre os povos da floresta com um rosto indígena, postula-se novos paradigmas de missão: ouvir e reconhecer as histórias de fé e os saberes que vem dos povos da periferia. São caminhos novos de evangelização que fortalecem a autonomia e o protagonismo dos povos originários da Pan-Amazônia. É uma evangelização solidária destes povos que vivem num contexto de profundas ameaças aos direitos fundamentais. Assim, a Igreja é chamada a viver de forma solidária suas lutas de revitalização de suas culturas, do direito de preservar seus idiomas, de organização social, de uma cosmovisão ecológica que garanta a sobrevivência de seus descendentes (REPAM, 2018, n. 24).

O convite para construir uma igreja com rosto amazônico exige uma reflexão teológica fundamentada na espiritualidade e cosmovisão destes povos originários da Ama-

zônia (REZENDE, 2013, p. 209). Reconhecer que em suas histórias sagradas também se encontram as sementes da Boa Nova. Neste sentido, o Documento Preparatório para o Sínodo na região Pan-Amazônia, afirma ser necessário ter uma “espiritualidade intercultural que nos ajude interagir com a diversidade dos povos e suas tradições” (REPAM, 2018, n. 86). A espiritualidade dos povos originários desta vasta área geográfica foi transmitida com sabedoria pelos líderes carismáticos, pelos sábios de seus povos, benzedores e muitos que contribuíram para sustentáculo de suas culturas e de suas línguas. Tal espiritualidade tem os pés no chão, pois estes povos acreditam num Deus criador de tudo que existe na natureza, por isso ela tem em si uma força vital. Estes povos acreditam na comunhão de vida da floresta, vida humana das várias etnias que se entrelaçam como se todos fossem parentes (ALMEIDA, 2005, p. 56). Esta comunhão sustenta a terra, a água, as plantas, os animais, os peixes, enfim tudo que circunda a natureza são vidas dialogantes com os seres humanos.

O Documento Preparatório para o Sínodo dos Bispos em vista da Assembleia Especial na Pan-Amazônia, que será realizado em 2019, oferece como instrumento de auxílio na tarefa que o precede; um amplo questionário foi elaborado e enviado a todas as igrejas particulares a fim de estabelecer um diálogo com todas as suas bases. A comissão organizadora adotou o método ver, julgar e agir, mas sem dar respostas prontas, pois a sinodalidade envolve todos nesta busca de novos caminhos. O sínodo está sendo preparado com os protagonistas e sujeitos da Igreja Ameríndia. Traçar novos caminhos à evangelização na Pan-Amazônia envolve o zelo pelos territórios, ecologia e culturas das comunidades locais. Portanto, já desde a sua preparação, este sínodo coloca todos os interlocutores na prática concreta da escuta recíproca. Este exercício é fundamental para fortalecer as bases de uma igreja sinodal, e vencer as enormes distâncias geográficas, pastorais, sociais e culturais. É o sínodo da aproximação, do encontro, do diálogo e da escuta de uma igreja universal que acredita que a periferia tem algo importante a dizer, a partilhar, enriquecer e a ensinar, sobretudo no cuidado da casa comum e da ecologia integral.

## A CULTURA TICUNA E SUA CONCEPÇÃO DO DEUS ÚNICO

O Povo Ticuna, como tantos outros povos indígenas, tem a concepção de que o mundo é sagrado e povoado por seres viventes (SOARES, 2017, p. 201). Por isso, cuida e protege todos os seres da natureza, mantém as tradições que seus antepassados lhe ensinaram através dos benzimentos, rituais, danças, pinturas corporais para demonstrar carinho e respeito à natureza. Se consideram guardiões da natureza que o Criador e seus antepassados lhe entregaram.

A partir da experiência missionária na comunidade Ticuna de Vendaval, Diocese do Alto dos Solimões, percebeu-se a importância de fazer o caminho de iniciação cristã nesta comunidade predominantemente católica, ouvindo e conhecendo as histórias sagradas deste povo. O primeiro passo de aproximação consistiu em ouvir suas histórias de tradição oral relatadas pelos sábios anciãos e anciãs da comunidade. O Povo Ticuna manteve, na memória por séculos, muitas de suas “histórias sagradas” (CAPEDRON, 2018, p. 112) apenas por tradição oral. Somente nas duas últimas décadas é que foi iniciado o processo de passagem da oralidade para a escrita. No entanto, grande parte de suas histórias sagradas, continuam sendo transmitidas oralmente, particularmente nos rituais sagrados, quando toda comunidade está reunida.

Por muito tempo as histórias sagradas dos povos originários do Amazonas foram consideradas apenas mitos, mas para estes povos são sagradas<sup>3</sup> porque constituem um patrimônio coletivo guardado com profundo respeito, pois é sua história de fé caracterizada pelo cuidado de toda obra da criação por ser divina. Como a narração bíblica, as narrativas de suas origens estão intimamente ligadas a um lugar específico, determinado, sagrado e portanto, tem um nome e é conhecido por todos os membros da comunidade (GUESSE, 2011, p. 9). Muitos Povos originários do Amazonas, a partir do fortalecimento de uma organização mais articulada entre eles, sobretudo a partir das reivindicações da demarcação de suas terras, do reconhecimento de suas identidades culturais, sentiram que para preservar e manter viva sua cultura, as histórias de suas origens, era necessário passar da oralidade para a escrita. Consideram que estas histórias são sagradas porque são narrativas a respeito do Criador de todas as coisas que existem na natureza, dos valores morais e éticos que guiam a vida na grande comunidade. Originam-se dentro de uma perspectiva de fé, de um olhar que contempla tudo que existe e da interrogação direta: como tudo foi criado?

Portanto, suas histórias sagradas são frutos de suas reflexões e interpretações de como tudo foi criado; o ser humano, a terra, as plantas, os animais, rios, peixes, o universo. Essas narrativas sustentaram-se e perpetuaram-se por séculos na transmissão oral, garantindo que a espiritualidade, os saberes acumulados fossem conservados na memória para que as gerações futuras pudessem receber estas verdades profundas, esses valores fundamentais para a existência de seu povo, pois estes ensinamentos nortearam a vida de seus antepassados no decorrer de séculos.

A espiritualidade dos povos indígenas sustenta suas vidas, histórias, projetos de vida, trabalhos, festas, organização social e educação de seus filhos. Sua riqueza cultural é ampla e se estende desde rituais, cerimoniais, disciplinas, valores éticos morais e até mesmo dietas alimentares cujo objetivo é curar males físicos e espirituais.

Os valores espirituais não estão desligados da vida cotidiana. Os saberes, nos seus diversos aspectos, são transmitidos na educação dos filhos para que estes sejam pessoas de bem que contribuam positivamente com o povo, com a comunidade a qual pertencem.

Para o povo Ticuna<sup>4</sup>, o Eware é o lugar sagrado mais importante para seu povo, onde habita o criador, os seres divinos; aí habitaram seus antepassados, o primeiro casal Ngutapa e Mapana, que geraram seus filhos Yoi e Ipi depois de uma longa espera, pois Mapana era estéril.

Segundo os sábios do povo Ticuna, o Eware é um lugar encantado, protegido por animais e os espíritos de seus ancestrais (ORGANIZAÇÃO GERAL DOS PROFESSORES TICUNA BILÍNGUES, 1997, p. 21). Lá as árvores são diferentes, nunca cresce e nunca morre porque é como uma criança, sempre nova e pequena. Por isso sua vegetação se chama “Bunecü” (paraíso criança), que lembra uma criança “Bue”. O Eware é cheio de vida que sempre se renova e nunca vai acabar. A mata do Eware é muito rica em frutas e flores. Lá se encontra em abundância o buriti, açaí, ingá, capuí.

Yoi foi o filho obediente que deu a vida para seu povo. Foi ele que descobriu que o criador colocou nas águas do Igarapé são Jerônimo, os doze clãs familiares que constituem seu povo. Yoi, o filho atento, descobriu que os clãs vivendo nas águas sagradas, almejavam serem pescados e finalmente viverem como seres humanos nas terras sagradas do Eware. Ao usar a macaxeira, alimento próprio de seres humanos, Yoi numa pesca extraordinária com seu caniço, retirou das águas seu povo. Viviam sob a forma de diversas espécies, mas quando foram retirados das águas, deram origem aos doze clãs familiares que constituem o povo “Magüta”. Yoi foi o grande sábio, o filho dedicado, trabalhador. Foi ele que organizou socialmente o povo Ticuna. Como mestre, transmitiu suas habilidades e conhecimento a respeito da pesca para seu povo. Ensinou-o a trabalhar na terra, a usar o jenipapo nas pinturas corporais, tão importante nos rituais sagrados.

Os antepassados que viveram nas terras sagradas do Eware ensinaram que a natureza é fonte de vida. Segundo seus ensinamentos, a floresta é a coberta da terra que não pode ser destruída. O povo Ticuna acredita que nela nasceram e nela viverão para sempre. Sua terra tem lagos, igarapés, rios, igapós, paranás. Tem árvores altas e baixas, grossas e finas, com âmagos e sem âmagos, de diversas cores; uma árvore é diferente da outra e cada árvore tem sua importância, seu valor. Essa variedade é que faz a floresta tão rica. As árvores existem há muitos anos no mundo, bem antes do início da existência do povo Ticuna. Algumas delas são da terra firme como a abiurana, cedrorana, jatobá, tento, jutaí, andiroba, acapu, coquita e outras mais. Outras nascem na várzea, como a castanha-de-macaco, apuí, mulateiro, seringueira, taperebá, açacu, cacau, caxinguba e outras mais. Cada uma delas tem uma utilidade e são a riqueza

do povo, pois delas fazem suas casas, canoas, os remos, artesanato, a cuia e tantos outros objetos úteis no dia a dia. O Açaiçal alimenta os pássaros e certos animais; o buritizal atrai muitos animais e certas aves também, eles são muito importantes, pois a floresta é a casa dos animais e onde nós vivemos. “É onde vivem outros seres da natureza, que são os donos das árvores, que chamamos de “Nanatü”, que significa” pai ou “mãe” ou “dono”.

Dentre todas as árvores importantes para a vida do povo “Magüta” a árvore sagrada Ngewane, que um dia o criador colocou no lugar sagrado no princípio do mundo. Esta árvore é a mãe de todos os animais. Era muito grande e crescia em lugares distantes e difíceis de encontrar, normalmente nas cabeceiras dos igarapés. Contam os sábios, que esta árvore era frutífera e depois do tempo das chuvas, suas folhas caíam no seu tronco transformando-se em ovos; destes, nasciam larvas que subindo pelo tronco chegava aos galhos. Lá cresciam e no período de alagação, quando as águas subiam, Ngewane alimentava todos os peixes, sendo que dos peixes bem alimentados e ovados dava-se início à grande piracema, quando todo povo tinha peixe em abundância. Ainda de suas flores surgem os frutos que alimentam os mais variados animais. É por isso que o povo Ticuna não mata uma árvore viva. A madeira se retira apenas das árvores que já caíram e morreram.

Portanto, um povo que cuida da floresta, nunca será pobre porque a floresta é rica de animais e peixes e ela garante a vida de todos. Para o povo Ticuna, a natureza é um grande dom do criador, e todos os seres criados por Deus tem um sopro de vida. Portanto cuidar da natureza é cuidar da obra do criador. É um dever de cada pessoa cuidar de todas as criaturas que o criador colocou na natureza. Nos rituais sagrados, os ornamentos, instrumentos musicais, as bênçãos, a dança, o canto, as bebidas e os alimentos, servem para manter na memória da comunidade que toda criação é obra divina.

## CONCLUSÃO

Os novos caminhos de evangelização que a Igreja da Pan-Amazônia deseja pautar, segundo o pensamento do Papa Francisco, em primeiro lugar, reconhecem a história já feita por estes povos que há séculos estão em contato com a Palavra de Deus, através da ação missionária da Igreja. Acolhem e interpretam a sua reflexão teológica na revelação e busca de Deus a partir de suas próprias culturas. E valorizam sua espiritualidade, por meio da qual estes povos expressam sua percepção sobre a presença e o agir de Deus.

Neste estudo demonstrou-se de forma breve como a narração bíblica das origens do mundo, na concepção judaica, encontra paralelos com as narrativas sagradas do povo Ticuna. Ambas narrativas se enriquecem no que se refere às origens,

organização social e transmissão de saberes. Nota-se, ainda que, os rituais sagrados do povo Ticuna estão intimamente ligados ao lugar onde historicamente esta etnia se originou e se desenvolveu. E sua história ‘recente’ foi marcada por dois momentos (períodos) fortes de dominação, o primeiro, no período colonial, quando se refugiaram em áreas de difícil acesso, às margens de pequenos Igarapés, navegáveis apenas por pequenas canoas artesanais, e o segundo, no ciclo da borracha, no século passado, tornaram-se espaços de compreensão e revelação do agir de Deus no meio deles. Assim, o Eware é o seu lugar sagrado, onde somente os anciãos e sábios do povo sabem chegar porque aí se refugiaram os períodos em que o povo Ticuna foi fortemente ameaçados. O Igarapé São Jerônimo, que nasce no Eware, é de difícil navegação no período da seca. Por ser sinuoso, exige grande conhecimento de navegação, e habilidade em conduzir canoas de pequeno porte. O lugar que abrigou a todos nos períodos de ameaça, onde a vida foi gerada e preservada, tornou-se sagrado. Por isso nos rituais sagrados, o povo Ticuna dança fazendo memória ao Eware quando todos, num mesmo ritmo tocam os pés no chão.

O diálogo com suas histórias sagradas abre um novo horizonte de compreensão para algumas das verdades reveladas nas Sagradas Escrituras. Entre as quais se destaca a íntima relação de vida existente entre Deus, obra da criação e o ser humano. Note-se, contudo, que as Sagradas Escrituras não substituem as culturas dos povos originários da Ameríndia, mas enriquecem o conhecimento de Deus e podem favorecer a comunhão de vida com Ele, numa Igreja pan-amazônica autóctone com o rosto pluriforme destes povos.

Este estilo de Igreja corresponde às necessidades dos povos das florestas, pois, fortalece suas culturas, as acolhe e as reconhece como tesouros a serem partilhados. É uma igreja que se coloca a serviço, traçando novos caminhos para que a Boa nova do Evangelho, já presente nessas culturas, se encarne ainda mais em seus ambientes, costumes e tradições. Na vivência deste caminho de escuta humilde e diálogo aberto e sincero, a Igreja se tornará historicamente mais universal, mais católica, pois será capaz de testemunhar, reconhecer e anunciar a presença do Verbo Encarnado, o Filho de Deus, e sua Boa nova destinada a todos os povos e nações.

#### LISTENING AND DIALOGUE WITH THE SACRED TRADITIONS OF THE TIKUNA PEOPLE: A WITNESS OF DE EVANGELIZATION IN THE AMAZON

*Abstract: In line with the invitation to the Amerindia's Church, in finding new ways of evangelization, this article aims to reflect about how much the indigenous people's cosmogony can contribute to their own evangelization as the Synod*

*of Pan-Amazon Synod proposed. The sacred stories mentioned in this sharing, is a result of hearing a specific People: The Tikuna, since mostly of them became catholic from of Alto Solimões's Diocese. For decades, the mission's church among them has been a signal of hearing so many of these communities in the peripheries of Amazonia, willing to strengthen their protagonism in the path of discipleship and the confirmation of their cultural identify.*

**Keywords:** *Originating peoples. Sacred stories. Tikuna. Pan-Amazonic Synod.*

#### Notas

- 1 Borges (2016) reflete o conceito 'povos indígenas' como sendo uma expressão dos não indígenas para se referir a uma multiplicidade de grupos sociais nativos. No entanto, o movimento indígena, hoje, tem uma forte tendência para se autodenominarem pela sua etnia, ou como "povos originários", "povos nativos" indistintamente. O conceito 'indígena' tem, para algumas etnias, uma conotação colonialista.
- 2 Capedron (2018) menciona que, para os povos indígenas, as histórias de suas origens são sagradas por estarem estreitamente ligadas aos seus rituais e objetos sagrados de estrito uso de seus membros. A expressão "histórias sagradas" é amplamente usada por muitos povos originários do Amazonas, sobretudo a partir de sua participação nos vários movimentos indígenas, que culminou com o reconhecimento de alguns direitos básicos na Constituição Brasileira de 1988. São consideradas histórias sagradas porque refletem sua espiritualidade de suas tradições ancestrais que nortearam a vida de seu povo, através de suas crenças, seus rituais sagrados, cantos e danças.
- 3 Petroni (2013) apresenta como, no Brasil, o Movimento Indígena teve uma participação muito importante de muitas etnias, que culminou nas conquistas de alguns direitos na Constituição de 1988, a primeira a legislar o respeito às coletividades indígenas como sujeitos culturalmente diferenciados; sujeitos com direito a terra, educação e seguridade social.
- 4 Soares (2017), pesquisadora da língua Ticuna por décadas, faz uma detalhada apresentação da Etnia Ticuna. O nome Ticuna quer dizer "nariz pequeno"; foi dado por outras etnias para descreve-los, porém, este povo se autodenomina como poro "Magüta", isto é "Povo Pescado" por caniço nas águas sagradas do Igarapé São Jerônimo "Tanatü", cuja nascente está localizada nas terras Eware. A Terra do Eware, sagrada para o povo Ticuna, está situada ao lado esquerdo do Rio Solimões entre os municípios de Tabatinga e São Paulo de Olivença, no baixo Amazonas." Somente em 1990 tiveram suas terras demarcadas, denominadas Eware I e Eware II. A língua nativa Ticuna é amplamente falada em suas 59 comunidades ao longo do Alto Solimões. É uma língua isolada, e somente nas últimas décadas passou da oralidade para escrita, sendo incluída no currículo nas escolas indígenas Ticuna.

#### Referências

ALMEIDA, Fabio Vaz R. de. Desenvolvimento Sustentado entre os Ticuna: as escolhas e os rumos de um projeto. *Ciências Humanas*, Belém, v. 1, n. 1, p. 45-110, jan./abr. 2005.

AQUINO JÚNIOR, Francisco de. *Teologia do Papa Francisco: Igreja dos Pobres*. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2018.

BORGES, Júlio César. A Sociedade Brasileira Nos Fez Pobres: assistência social e autonomia étnica dos povos indígenas. O Caso de Dourados, Mato Grosso do Sul. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 22, n. 46, p. 303-328, jul./dez. 2016.

CALIMAN, Cleto; PINHEIRO, J. Ernanne (Orgs.). *O Evangelho Nas Culturas*. V Congresso Missionário Latino-Americano (COMLA 5). Petrópolis: Vozes, 1996.

CAPEDRON, Elise. Derrota interna, sucesso exterior: a Patrimonialização do xamanismo entre os Baniwa (Alto Rio Negro - Amazonas). *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 24, n. 5, p. 105-134, maio/ago., 2018.

CARTA ENCÍCLICA, *Redemptoris Missio*. Sumo Pontífice João Paulo II. Sobre a validade Permanente do Mandato Missionário. São Paulo: Paulinas, 1991.

CELAM Vª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. *Documento de Aparecida*. Texto Oficial da CNBB. Edições CNBB, São Paulo: Paulinas; Paulus, 2007.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *A Sinodalidade na Vida e na Missão da Igreja*. Brasília: Edições CNBB, 2018 (Documentos da Igreja, n. 48).

COMPÊNDIO DO VATICANO II. Decreto *Ad Gentes*: sobre a atividade missionária na Igreja. 29.ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

DISCURSO do Papa Francisco em Puerto Maldonado, Peru em 19 de janeiro de 2018. Disponível em: <<https://www.vidanuevadigital.com/documento/discurso-del-papa-francisco-la-casa-hogar-principito-puerto-maldonado-19-01-2018>>. Acesso em: 02 nov. 2018.

EXORTAÇÃO APOSTÓLICA, *Evangelii Nuntiandi*. Sumo Pontífice Paulo VI. Sobre a Evangelização no Mundo Contemporâneo. São Paulo: Paulinas, 1976.

GUESSE, Érica Bergamasso. Da Oralidade à Escrita: Os Mitos e a Literatura Indígena no Brasil. *Anais... SILEL*. Uberlândia: EDUFU, 2011. v. 2. n. 2.

ORGANIZAÇÃO GERAL DOS PROFESSORES TICUNA BILÍNGUES (OGPTB). GRUBER, Jussara Gomes (Org.). *O Livro das Árvores*. Benjamin Constant – AM: Universidade Estadual do Amazonas, 1997.

ORGANIZAÇÃO GERAL DOS PROFESSORES TICUNA BILÍNGUES (OGPTB). FIRMINO, Lucinda Santiago; GRUBER, Jussara Gomes (Orgs.). *Histórias Antigas*. Vol. I. Benjamin Constant – AM: Universidade Estadual do Amazonas, 2010.

PETRONI, Mariana da Costa A. Anotações sobre a Autobiografia de Um Líder Indígena. *História Social. IFCH/UNICAMP*. Campinas, n. 25, p. 185-204, jul./dez. 2013. Disponível em: <<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/download/1842/1352>>. Acesso em: 01 nov. 2018.

PINHEIRO, Pedro Inácio. Ngematucü. Minha Luta pelo Meu Povo. Tchorü Duüügu Ga. Tradução de Marias Facó Soares. Rio de Janeiro: Editora Eduff. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.

REDE ECLESIAÍSTICA PAN-AMERICANA - REPAM, *Amazônia: Novos Caminhos para a Igreja e para uma Ecologia Integral*. Documento Preparatório do Sínodo dos Bispos para a Assembleia Especial para a Pan-Amazônia. Brasília: Edições CNBB, 2018.

REZENDE, Justino Sarmiento. Ciências e Saberes Tradicionais. *Tellus*. Campo Grande, v.13, n. 25 p. 201-213, jul./ dez., 2013.

SOARES, Marília Facó. Traduções, Acervos e Elaboração de Material Didático em Contexto indígena. *Liames*, Campinas, v. 17, n. 1, p. 159-175, jan./jun. 2017.

SUESS, Paulo. *Introdução à Teologia da Missão*. Convocar e Enviar: Servos e Testemunhas do Reino. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

VV. AA. Conversão dos Cativos: Povos Indígenas e Missão Jesuítica. In: SUESS, Paulo. *A Catequese nos Primórdios do Brasil*. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2009. p. 11-40.